

Objeto
Museu e Educação continuada
homem
Museu e ação cultural
A relação homem/objeto
Museu e grupos sociais cultu
cuário - museu
ralmente diferentes
Objeto deficiente físico
homem
relação
Visão crítica da relação
A relação homem/objeto
cuário - museu
Estudados de caso.

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

textos e contextos de uma trajetória profissional

Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno

Coordenação Editorial

Teoria Museológica

CURA e a CONSTRUÇÃO

Conceito de Museu através dos tempos. (retomada)

Conceito do ICOM (Estatutos)

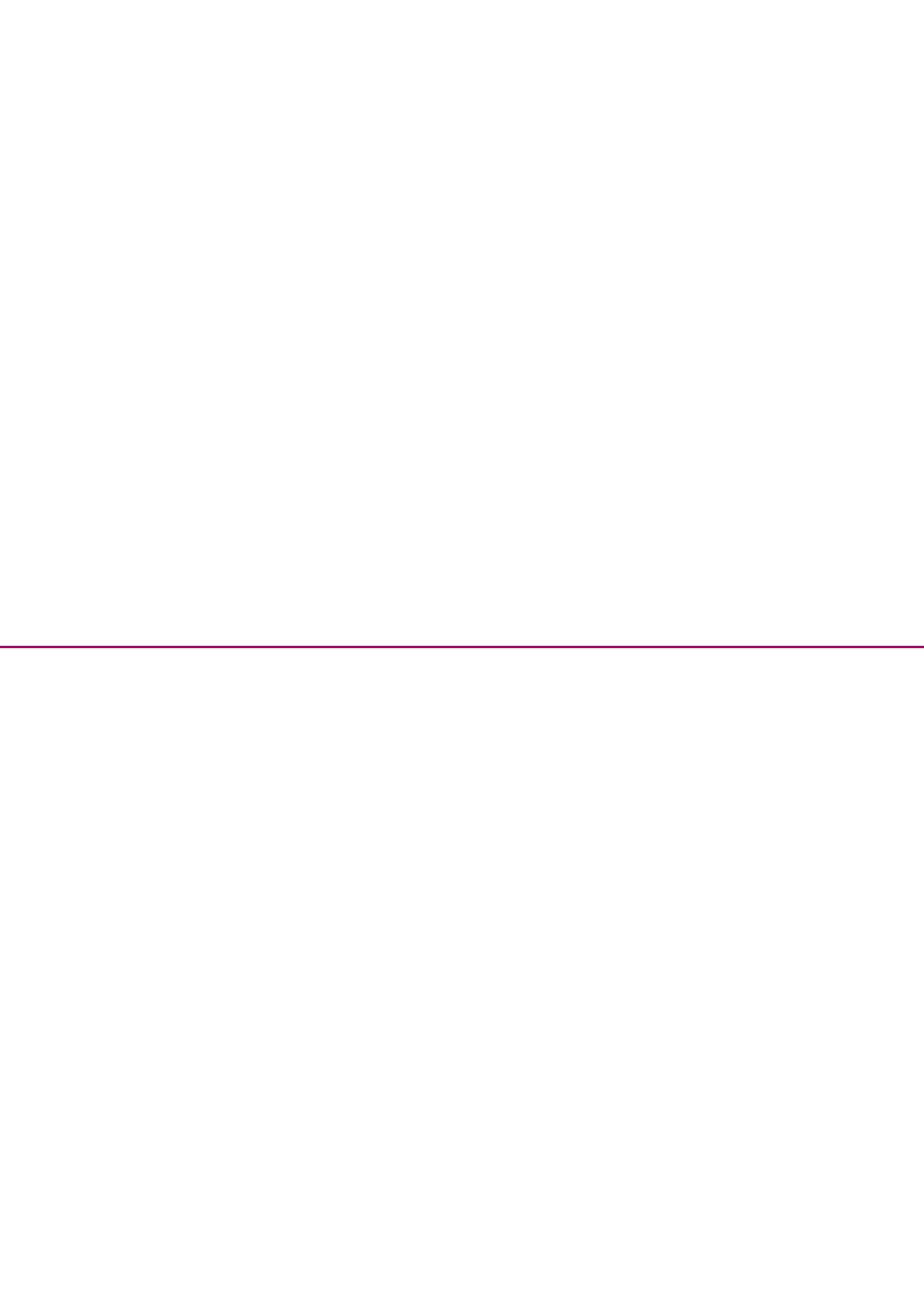
Lemieux

Várias concepções históricas. Gregorova, Tsuruta,

Stránsky, Schreiner. (Rússio)

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri
textos e contextos de uma trajetória profissional

Volume 2





Waldisa Rússio Camargo Guarnieri

textos e contextos de uma trajetória profissional

A permanência das ideias:
A influência nos contextos museológicos

Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno
Coordenação Editorial

Marcelo Mattos Araujo
Maria Inês Lopes Coutinho
Colaboradores



Sumário

Parte 1

Waldisa, o curso de Museologia e o alunado, **9**
Maria Inês Lopes Coutinho

Parte 2

Associação Paulista de Museólogos (Asspam): apontamentos para uma história de protagonismo na Museologia paulista, **47**
Caroline Grassi Franco de Menezes

Parte 3

Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – Agente da Utopia, **103**
Marcelo Mattos Araujo

Parte 4

Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais, **145**
Manuelina Maria Duarte Cândido

Parte 5

Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos, **159**
Maria Cristina Oliveira Bruno, Andrea Matos da Fonseca e Kátia Regina Felipini Neves

Parte 4

Teoria museológica:
Waldisa Rússio e as correntes internacionais

Manuelina Maria Duarte Cândido

4 Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais ¹

*Manuelina Maria Duarte Cândido*²

O século XX revolucionou o universo dos museus no mundo. Se o século XIX foi considerado a era dos museus,³ podemos considerar o seguinte a era da Museologia. De acordo com Peter van Mensch,⁴ o mundo dos museus passou por duas revoluções. A primeira, no final do século XIX, trouxe, entre outros elementos, a organização profissional, os códigos de ética e notáveis transformações nas exposições, entre outros elementos, com a primazia da quantidade dando lugar à oportunização do diálogo do público com os objetos expostos. Essa revolução, ocorrida na passagem do século XIX para o XX, chegou à América Latina no século XX. O primeiro curso de Museologia surgiu no Brasil em 1932; a participação mais efetiva da América Latina na Museologia internacional se consolidou na segunda metade do século XX e, na Europa, um marco notável foi a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1946 e do Icofom, seu Comitê de Museologia, algum tempo depois.

A segunda revolução na Museologia, ainda segundo van Mensch, na década de 1970, foi chamada *New Museology*, quando a base da organização das instituições museológicas passou das coleções para as funções e houve a introdução de um novo aparato conceitual, do qual destaca o museu integrado. Esta chamada Nova Museologia, conceitualmente ampliada e socialmente engajada, é hoje compreendida mais como um movimento renovador que como outra Museologia, e já tem, no mínimo, 30 anos.

Vários momentos podem ser considerados fundadores dessas novas ondas na Museologia, mas aquele apontado como o mais importante, especialmente na América Latina, embora não tenha restringido a ela

1 Este artigo tem por base a monografia do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE-USP), concluído em 2000. A autora contou com bolsa da Fundação Vitae durante a especialização.

2 Historiadora, especialista em Museologia e Mestre em Arqueologia, é professora do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

3 SCHAER, Roland. *L'invention des musées*. Evreux: Gallimard, 1993. (Découvertes Gallimard, 187).

4 Seminário sobre Teoria Museológica no Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), 2-6 out. 2000.

seu raio de influência, foi a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, de 1972. A realidade latino-americana serviu de base para a reflexão sobre “O papel do Museu na América Latina”, que acabou por ressaltar seu poder de intervenção social.

Waldisa Rússio não esteve nessa mesa-redonda, seu avizinhamento com a Museologia vai acontecendo no final da década, com a realização da dissertação de mestrado na Fundação Escola de Sociologia Política, *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento* (1977). A autora vinha do campo do Direito e, por caminhos que ainda estão a merecer estudos mais aprofundados, faz sua aproximação a partir de uma compreensão da Museologia como campo dos estudos da sociedade e não dos objetos ou das instituições, como era corrente até então. Nisso compartilhava os pontos de vista majoritários na reunião de Santiago.

Na dissertação, Rússio recorre a uma revisão de pontos fundamentais da trajetória dos museus no mundo para afirmar que “o Museu pode e deve ser o deflagrador das utopias” (Rússio, 1977, p.26). Um capítulo é dedicado à investigação sobre a existência ou não de um passado museológico brasileiro. Com base na ideia de Varine-Bohan de que os museus não devam existir para os objetos, mas para os homens, conclui que “Já não basta guardar, preservar, conservar ... É preciso que a mensagem contida no objeto transite para o seu receptor natural, o Homem...” (ibidem, p.46). E ampara-se na citação – que vai se repetir constantemente nesse trabalho – de Varine-Bohan: “Muito mais do que existirem para os objetos, os museus devem existir para as pessoas”.

A autora se detém também em uma avaliação crítica dos museus paulistas. Conclui que a autoridade se realiza de maneira autocrática, personalista e centralizadora, tanto nos museus universitários como nos particulares. O perfil dos diretores de museu é identificado como de autocratas e burocratas: “Recrutados num estrato social privilegiado, raramente por suas qualificações técnicas, os dirigentes de museu estão condicionados pelos padrões de comportamento do segmento de classe a que se ligam” (ibidem, p.127).

Identifica uma especialização dos museus do estado de São Paulo, no que diz respeito à sua distinção jurídica diante de outras instituições culturais, que não corresponderia à prática. Além disso, os museus

monográficos da capital não possuiriam ainda um “*corpus* normativo”, menos ainda os do interior. Sua pesquisa estabelece relações entre a não profissionalização na área dos museus e sua consequente elitização, a “ação restritiva dos museus nas comunidades”, a ausência de racionalização permitindo uma política de privilégios.

Sobre o personalismo na administração dos museus, sua interpretação é de que o diretor de museu, gerindo o patrimônio de um “senhor abstrato e longínquo”, o Estado, sente-se dono do patrimônio sob sua guarda. As relações nos museus são pessoais e não baseadas em atribuições profissionais definidas por normas formais. Como consequências, aparecem os conflitos de relacionamento entre seus profissionais e o descompasso em relação a outras instituições.

A preocupação com a formação profissional aparece na análise sobre os recursos humanos na área, com a identificação de uma única escola de nível superior no Brasil de então, cujo curso sofrera poucas alterações desde sua criação,⁵ além da inexistência de formação para o nível médio e para auxiliares. Critica o fato de que na graduação existente a formação incluía somente 45 horas de aula de Administração Museológica e dois anos de História Militar e Naval. Com o estudo dos programas e do currículo daquele curso, a autora prepara terreno para a proposta do que viria a ser o Curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp/SP), onde a questão da formação profissional é agravada pela ausência de cursos regulares.

Em outro momento da análise Rússio aborda a ineficácia dos modelos de formação em Museologia no que diz respeito ao preparo para o trabalho interdisciplinar requerido pelos museus, que exigem “reflexão conjunta de muitas inteligências sobre um mesmo projeto” (ibidem, p.133). Sua reflexão sobre a conjuntura profissional da área no Brasil conclui que: “Defasados em relação às novas técnicas de comunicação e as novas conquistas da Museologia, nossos profissionais escudam-se no elemento de autoridade e firmam-se mais por serem *avis rara* do que por uma notória competência” (ibidem, p.123).

5 O Curso de Museologia criado por Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional foi transferido para a Uni-Rio em 1979. Teve reformulação curricular em 1985, mais voltada para a compatibilização do profissional com o mercado, e em 1996, esta com cunho mais voltado para uma revisão das referências conceituais. (Fonte: www.unirio.br/museologia/historico.htm; acesso em 12 mar. 2007).

A respeito da autonomia orçamentária dos museus Waldisa Rússio discorre com argumentos que ainda hoje são bastante contemporâneos, propondo estratégias de autossustentação ao menos parcial, como a comercialização de publicações e catálogos e a prestação de serviços (como laudos ou restaurações), além de concessão de espaços para lanchonete ou restaurante. Refere-se ainda à constituição de modelos organizacionais e jurídicos mais flexíveis, como as fundações.

Seu diagnóstico dos museus paulistas percebe descompassos na gestão de exposições, da ação educativa e do museu como um todo, inadequação das estruturas, falta de recursos financeiros e despreparo do pessoal, uso inadequado de materiais e equipamentos, tudo isto, a seu ver, sintoma de um mesmo problema, “a falta de imaginação sociológica, capaz de entender o museu como *processo*” (ibidem, p.131, grifo da autora).

O sentido da existência dos museus é expresso nas afirmações:

o homem tem sentido e demonstrado, tão nítida e sofridamente, a consciência da sua finitude e o seu desejo de transcendência... (ibidem, p.142)

Uma só emoção pode reconfortá-lo: a contemplação da perenidade do seu trabalho, que permanece mesmo depois dele. (ibidem, p.144)

Outra preocupação marcante é com a participação do museu na formação do cidadão, criticando a vinculação estrita com o ensino formal e a inserção tardia no programa de educação infantil, já que é na infância que se adquire o hábito de visitar museus e a criança em idade pré-escolar já tem condições de fruí-lo.

É importante observar a distância entre a bibliografia utilizada por Waldisa Rússio e a que está hoje disponível aos profissionais e estudiosos da Museologia. Dos títulos diretamente ligados aos museus, boa parte pertence a uma Enciclopédia dos Museus. Escrevendo sua dissertação em 1977, Waldisa Rússio estava ainda entre os que abriam caminhos para a produção acadêmica em Museologia no Brasil. Ressalte-se como, numa época em que identificava a inexistência de cursos regulares em São Paulo e um único curso de Museologia (nível de graduação), no Rio de Janeiro, ela consegue encontrar os canais que lhe permitem escrever e defender trabalhos de pós-graduação de Museologia (dissertação de mestrado em 1977 e tese de doutorado em 1980).

Ligando-se à Fesp, seu trabalho consegue transitar entre as duas áreas do conhecimento em questão, Sociologia e Museologia, realizando, por um lado, uma análise sobre as relações entre cultura e desenvolvimento, por outro, uma reflexão e uma proposição calcadas no aporte conceitual da Museologia, que ela estava a um só tempo manejando e ajudando a construir. Essa opção sobressai quando a comparamos com outras produções mais recentes, realizadas em áreas acadêmicas afins mas ainda não propriamente da Museologia – pois até hoje a formação em nível de pós-graduação no Brasil só se concretizou em cursos de especialização e em um curso de mestrado.⁶ O museólogo, não raro, resvala para a produção de um trabalho acadêmico que contempla apenas a área do conhecimento na qual realiza a pós-graduação, mas não participa, nessa ocasião, da construção do conhecimento em Museologia.

Em sua tese de doutorado, *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo*, Waldisa Rússio desenvolve, além do trabalho acadêmico, a argumentação para uma proposta de aplicação. Na formatação do projeto museológico alinhava conceitos e ideias que amadureceu no âmbito da pesquisa em Museologia: uma instituição pensada como museu-processo e com múltiplas sedes; um sistema de aquisições não baseado em apropriações de objetos; o caráter interdisciplinar e o recrutamento de pessoal técnico de diversos níveis escolares (Rússio, 1980, p.12-13). Esse museu, mais que o registro do processo de industrialização no Brasil, seria questionador, crítico, indagador, avaliador, ético e transformador. Para pensá-lo a pesquisadora estudou casos como o Museu de Técnicas do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris, o Museu de Ciências de Londres, o Museu Politécnico de Moscou, o Museu Húngaro da Agricultura, o Deutsches Museum (Munique), o Museu Nacional da Técnica (Praga), o Museu Municipal de Ciência e Indústria (Birmingham) e o Museu de Ciências (Cairo), entre outros. É significativo observar que não se trata somente de museus da Europa ocidental, mas de países do então chamado bloco socialista e mesmo de países pobres como a Índia e o Egito. Outro caso bem específico estudado é o Evoluon, de Eindhoven, Holanda. Fundado em 1966 como museu de empresa, por M. Frederick Philips, é de onde a autora depreende o princípio processual na instituição. O levantamento não se pretende exaustivo, mas baseia uma ampla identificação de características museológicas a merecerem reflexão e retomada em sua proposta. Assim, por

6 Mestrado em Museologia e Patrimônio da Uni-Rio, aberto em 2006.

exemplo, destaca no Museu Tecnológico do México o aproveitamento de um complexo de edifícios já construído e o uso dos espaços ao ar livre; e do Ecomuseu de Le Creusot-Montceau les Mines a participação comunitária e sua inserção no processo social.

O estudo inclui museus de ciências e tecnologia no Brasil, com ênfase em projetos implantados a partir da década de 1970, enfocando objetivos, metodologia e adequação à realidade brasileira. Ao final sua proposta pretende um museu *participativo* e *dinâmico*, crítico da oposição entre ciência e arte, duplamente processual por não registrar um fato, mas o processo de industrialização e por ser, ele mesmo, não acabado e em construção. A autora revela mesmo tratar-se de uma metodologia do “museu-processo”, e a noção de patrimônio empregada na seleção dos “testemunhos” é notavelmente ampla:

Os museus de fábrica atendem ao velho axioma de que vivemos num mundo de Museografia sem, entretanto, nos darmos conta disso; assim a fábrica é, naquilo em que pode ser visitada e naquilo em que é suscetível de comunicação ao público, um *Museu*. Um novo tipo de museu de sítio, um museu de sítio industrial.

Dependendo do aglomerado que, eventualmente, se possa formar incluindo fábrica, núcleo de habitação operária e seu centro de lazer (quando existente), poder-se-á chegar, mesmo, ao *Ecomuseu*, na medida em que, para o projeto, venham a confluir o meio urbano, os artefatos criados pelo Homem, as relações de produção e as demais relações sociais, em sua dinâmica. (ibidem, p.125)

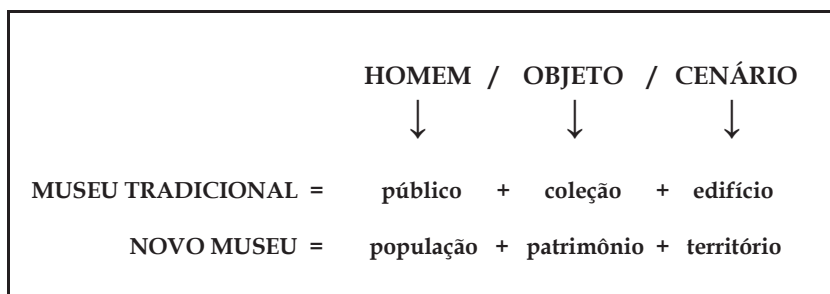
Em suas conclusões, a autora retoma a discussão sobre desenvolvimento, tirando-o da esfera exclusivamente econômica. Caracteriza sua proposta de museu como uma memória de lutas e argumenta pela absoluta adequação da linguagem tridimensional dos objetos para narrar o processo de industrialização. Adverte, entretanto, que este não seja um museu de máquinas, mas de homens. A proposta aponta os elementos que a Museologia estava desenvolvendo e iria aprofundar nas décadas seguintes: museu-processo; patrimônio material e imaterial (representativo, não total); público participante; discurso questionador / formação de consciências críticas; interdisciplinaridade.

Mas é no que diz respeito ao objeto de estudo da Museologia que Waldisa Rússio fez suas mais substanciais contribuições, ao defini-lo como o fato museal, uma relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, testemunho da realidade, em um cenário institucionalizado, o museu (Rússio, 1984, p.60). No mesmo texto a autora afirma que dessa realidade o homem também participa com o poder de

agir e de modificá-la, e que a institucionalização à qual se refere não é necessariamente um reconhecimento oficial, mas um reconhecimento pela comunidade.

Essa inserção social dos museus, cerne da Carta de Santiago, foi reforçada na Declaração de Quebec (1984) e na de Caracas (1992). Teve também como pontos altos a 9ª Conferência Geral do ICOM (1971), realizada entre Paris, Dijon e Grenoble, com o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã” e o primeiro anúncio público do termo *ecomuseu*, criado por Hugues de Varine, por Robert Poujade,⁷ em Dijon, em 1971.

Pela força do conceito de fato museal, Varine reconhece no ecomuseu uma ampliação, mas não uma ruptura com a relação já existente no museu tradicional. Esse novo modelo pode ser sintetizado em um quadro⁸ que expomos a seguir:



Em seu mestrado Ana Cristina Evres fez um apanhado da teoria museológica na qual discutiu essa triangulação (Evres, 2000, p.52). Segundo ela, qualquer que seja a Museologia, vem sempre se baseando na definição de vértices correspondentes ao homem, ao objeto e ao espaço, de onde partem as relações.

Percebe-se, portanto, toda uma tendência do pensamento museológico que recorre à ideia da Museologia como estudo da relação específica do homem com a realidade, representada internacionalmente por Stránský, Gregorová, Gluzinski, Sola e Rússio, de acordo com a síntese de Peter van Mensch apresentada por Bruno (1996, p.16).

7 Prefeito de Dijon e primeiro ministro francês a ser encarregado do meio ambiente.

8 Baseado em: VARINE, citado em DESVALLÉES, 1994, p.91.

Para van Mensch existem quatro tendências do pensamento museológico internacional a partir do exame da produção do Icofom, a saber:

- estudo da finalidade e organização dos museus;
- estudo da implementação e integração das atividades dos museus com vistas à preservação e ao uso da herança cultural e natural;
- estudo dos objetos museológicos (cultura material) e da musealidade como a definiu Stránský, associada à informação contida nos objetos museológicos e em seu processo de emissão;
- estudo de uma relação específica entre homem e realidade (em cuja vertente aparece Waldisa Rússio, com o fato museal, e uma série de museólogos brasileiros por ela influenciados).

A terceira tendência aqui apresentada desdobrava-se anteriormente em outras duas, segundo van Mensch: estudos dos objetos de museu e estudos da musealidade. A rearticulação em quatro níveis das tendências é a opção atual desse museólogo.⁹ Pela representatividade dessa análise e recorrência na bibliografia da conceituação gerada a partir da definição de fato museal por Rússio, consideramos que essa tenha sido até o momento a mais proeminente contribuição brasileira para a construção epistemológica da Museologia.

Porém, muitos obstáculos se interpuseram ao aprofundamento e também à ampliação do conhecimento produzido no âmbito da Museologia por Waldisa Rússio. O mais contundente, sua morte em meados de 1990. Mas não se pode deixar de mencionar a própria barreira linguística que van Mensch também alega, pois, apesar de Waldisa ter publicado textos no *MuWoP*,¹⁰ parte de sua produção está apenas em português e isso significa ser inacessível para grande parte da comunidade internacional de museólogos.

Outro fator expressivo é o fato de a Museologia não ter naquela época uma linha editorial consolidada no Brasil. Mesmo internamente, o acesso aos textos de Rússio não costuma ser simples, e esta publicação vem ao encontro dos anseios dos profissionais e estudiosos da área.

⁹ Comunicação pessoal durante o CEMMAE-USP.

¹⁰ Séries de documentos publicados pelo Icofom sob o título de *Museological Working Papers (MuWoP)* ou *Documents de travail sur la muséologie (DoTraM)*.

No trabalho intitulado “Ondas do pensamento museológico brasileiro” (Cândido, 2000 e 2003), já lamentávamos o problema da falta de publicações sistemáticas na área, suprida muito parcialmente pela publicação de textos avulsos em anais de congressos e revistas de museus.¹¹ De lá para cá surgiu uma série de Roteiros Práticos publicados pela Fundação Vitae e pela Edusp, que se encerrou em nove números, mas neste caso eram traduções de textos estrangeiros. Depois, a revista *Musas*, do então Departamento de Museus do Iphan, hoje Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que está em seu quarto número, e a série “Museu, memória e cidadania”, também do Ibram. Alguns livros foram publicados, mas permanece a avaliação de que a grande oportunidade de sistematização do pensamento museológico brasileiro tem sido a produção acadêmica, embora esses trabalhos dificilmente cheguem a uma divulgação mais ampla em termos editoriais, quadro que esperamos que se altere cada vez mais positivamente.

11 Algumas delas rapidamente extintas, como é o caso da revista *Ciência em Museus*, do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém, Pará), e dos *Cadernos Museológicos*, publicados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) somente até o 3º número.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (Org.). *A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 9).
- _____. *Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998a.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Conceitos e proposições presentes em *Vagues*, a antologia da Nova Museologia. *Ciências & Letras*, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n.31, p.63-75, 2002.
- _____. *Ondas do pensamento museológico brasileiro*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).
- CHAGAS, Mario. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13).
- DESVALLÉES, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Sphan/Pró-Memória, n.1, 1989.
- _____. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. v.1. Paris: WMNES, 1992.
- _____. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. v.2. Paris: WMNES, 1994.
- EVRES, Ana Cristina Léo Barcellos. *A Musealização da natureza: patrimônio e memória na Museologia*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Uni-Rio. Rio de Janeiro, 2000.
- FATTOUH, Nadine; SIMEON, Nadia. *Icofom: orientations muséologiques et origines géographiques des auteurs*. Paris: École du Louvre, 1997.
- PRIMO, Judite (Org.). *Museologia e patrimônio: documentos fundamentais*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT), 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 15).
- RÚSSIO, Waldisa. *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (Mestrado) – Fesp/SP. São Paulo, 1977.
- _____. *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado) – Fesp/SP. São Paulo, 1980.
- _____. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro: IBPC, n.3, 1990.
- _____. Museologia, Museu, museólogos e formação. *Revista de Museologia*, São Paulo, n.1, p.7-11, 2º sem. 1989.
- _____. Cultura, patrimônio e preservação (Texto 3). In: ARANTES, A. A. (Org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.59-78.
- VAN MENSCH, Peter. *O objeto de estudo da Museologia*. Rio de Janeiro: Uni-Rio/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, 1).

ISBN 978-85-99117-58-3



INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS
CONSEIL INTERNATIONAL DES MUSEES
CONSEJO INTERNACIONAL DE MUSEOS
Comitê Brasileiro

